

UMA LEITURA DA SIMBOLOGIA NO CONTO “A PRIMEIRA SÓ” DE MARIANA COLASANTI

Maria Imaculada CAVALCANTE
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
imaculadacavalcante@bol.com.br

Resumo: Esse estudo tem como objetivo analisar os aspectos simbólicos o conto “A primeira só” da coletânea **Uma idéia toda azul**, de Marina Colasanti. A escolha desse conto centra-se na sua temática existencial e na sua linguagem simbólica, propiciadora de significados capazes de levar o leitor a compreender, ainda que de forma empírica, o sentido da vida. Bruno Bettelheim (1999) afirma que dotar a criança de experiências capazes de dar significado à vida é tarefa difícil, contudo, a literatura é um dos meios mais eficazes para transmitir a nossa herança cultural. O conto de fadas, apesar de ser acusado de alienante por alguns estudiosos, é importante recurso na formação da personalidade, no desenvolvimento emocional da criança e na formação do leitor, por oferecer significados em diversos níveis, enriquecendo a sua existência de tantos modos. O caráter simbólico, o tom coloquial, a presença do maravilhoso, a indeterminação temporal e espacial, as personagens tipificadas, são elementos determinantes do gênero que concorrem para a identificação do leitor com a obra. Trabalhando em nível do inconsciente, os contos de fadas desvelam-nos, de forma alegórica, problemas cruciais de nossa existência e oferecem-nos pistas para a conquista da nossa maturidade.

Palavras-chave: literatura infantil e juvenil, simbologia, conto de fadas

Esse estudo tem como objetivo principal analisar o conto “A primeira só”, da coletânea **Uma idéia toda azul**, de Marina Colasanti, publicado em primeira edição em 1979. A escolha específica desse conto centra-se na sua temática existencial e na sua linguagem simbólica, ambas propiciadoras de significados capazes de levar o leitor mirim a compreender, ainda que de forma empírica, o sentido da vida. Segundo Bruno Bettelheim (1999, p.11) “hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso”, e uma delas é a leitura de textos literários. O psicanalista afirma, ainda, que dotar a criança de experiências capazes de dar significado à vida é tarefa difícil, contudo, a literatura é um dos meios mais eficazes para transmitir a nossa herança cultural.

O conto de fadas, como é o caso do conto em análise, apesar de ser acusado de alienante por alguns estudiosos, é um importante recurso na formação da personalidade da criança; por isso, devendo ser mais bem aproveitado pelos pais e educadores. Bettelheim (1999), ainda, afirma que um dos caminhos para a criança encontrar o significado do mundo está nos contos de fadas. Para ele

é característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isso permite à criança apreender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos. (BETTELHEIM, 1999, p. 15)

Em “A primeira só” o dilema existencial já se apresenta, desde o título, pois a solidão da personagem principal acarreta angústia existencial e a necessidade de encontrar o “outro” para obter a felicidade. O fato de a princesa ser a primeira resulta em responsabilidades para com o seu reino, por isso a condição de ser só, não podendo interagir com outras crianças para compartilhar brinquedos e sentimentos.

Por considerarmos o conto de fadas um texto de grande importância na formação do leitor e no desenvolvimento emocional da criança, por oferecer significados em diversos níveis, enriquecendo a sua existência de tantos modos é que escolhemos estudá-lo. O seu caráter simbólico, o tom coloquial, a presença do maravilhoso, a sua origem popular, a indeterminação temporal e espacial, as personagens tipificadas, são elementos determinantes do gênero que concorrem para a identificação do leitor com a obra.

Por fazerem parte da tradição oral de povos diferentes, os contos populares sofreram influência das civilizações e dos locais onde foram coletados, porém possuem uma estrutura básica imutável. Os contos representam aspectos contraditórios e complexos do ser humano, não se restringindo ao universo da criança. Trabalhando em nível do inconsciente, os contos de fadas desvelam-nos, de forma alegórica, problemas cruciais de nossa existência e, ao mesmo tempo, oferecem-nos pistas para a conquista da nossa maturidade e oferecem-nos a possibilidade de uma vida satisfatória.

Uma idéia toda azul, de Marina Colasanti é um livro de contos de fada contemporâneo que se presta não só à criança e ao adolescente, mas ao adulto também. Ao referir-se à obra Colasanti, na orelha da edição da Editora Nórdica (1979), afirma que:

Este é um livro de contos de fadas, com cisnes, unicórnios, princesas. E antes que alguém se espante com a temática, num mundo de avançada tecnologia espacial, acho importante esclarecer que meu interesse e minha busca se voltam para aquela coisa intemporal chamada inconsciente. Não há, para as emoções, idade ou história. Nem eu, ao tentar escrevê-las, quis me dirigir a pessoas deste ou daquele tamanho. Preocupe-me apenas em erguer estas construções simbólicas, certo de que o material com que lidava era imemorial, e encontraria em outros ressonância. (COLASANTI, 1979)

Seus contos possuem temática atual, com uma carga bem dosada de fantasia e realidade, o mágico e o maravilhoso misturando-se ao real. Para Silva (1994, p. 157) a obra de Colasanti possui os seguintes traços: “o insólito das situações descritas; o tempo e o espaço pouco definidos; o aproveitamento do substrato cultural mítico, literário e folclórico; e a possibilidade de uma leitura crítica e/ou alegórica, a partir da utilização de imagens simbólicas”; podemos acrescentar, também, a temática existencial propiciadora de significados capazes de levar o leitor a compreender o sentido do mundo. Dentro da coletânea um conto, em particular, nos chamou a atenção: “A primeira só”. Este é um conto que nos fala da angústia de uma pequena princesa por se sentir só e perdida em seu próprio mundo, deixando transparecer a sua busca interior, a necessidade de se encontrar, identificar-se com o outro e ser feliz. Este conto é bastante significativo para os leitores mirins e adolescentes que, como a personagem principal, também, encontram-se em uma fase de busca interior, de procura de identidade, de compreensão do outro e do mundo.

“A primeira só” retrata a solidão de uma princesa fechada em seu castelo, presa dentro do quarto e dentro de si mesma, solitária e angustiada em sua condição de filha única do rei. Tudo que ela queria era uma amiga para brincar e para amar, alguém com quem pudesse identificar-se. Contudo, o rei, seu pai, na impossibilidade de mantê-la em contato

com outras crianças, dá-lhe um espelho de presente, como se ele pudesse fazer-lhe companhia, deixando-a menos só.

De noite o rei ouvia os soluços da filha. De que adianta a coroa se a filha da gente chora à noite? Decidiu acabar com tanta tristeza. Chamou o vidraceiro, chamou o moldureiro. E em segredo mandou fazer o maior espelho do reino. E em silêncio mandou colocar o espelho ao pé da cama da filha que dormia. (COLASANTI, 1979, p. 47)

No intuito de proteger a filha o rei procura uma forma de deixá-la menos só, mantendo-a longe dos perigos do mundo fora do palácio. Segundo Propp (1997) o isolamento dos filhos do rei nos contos é resultado de questões históricas, pois os herdeiros do trono precisavam ser protegidos dos perigos que o mundo oferecia fora do palácio, como o rapto, assassinato e maldições provindas do sentimento mágico que cercava o homem. “Esse medo religioso, refratado no conto, cria o motivo do cuidado com os filhos do rei e se transforma na motivação artística da desgraça decorrente da violação da proibição” (PROPP, 1997, p. 39). O teórico nos informa que a reclusão das jovens ainda era mais comum, pois havia uma necessidade maior de protegê-las do homem, da sua condição de mulher. “A reclusão das jovens é mais antiga que a dos reis. É encontrada entre povos mais primitivos, de estrutura mais arcaicas, por exemplo entre os aborígenes da Austrália” (PROPP, 1997, p. 370). Segundo o autor, as formas como as jovens eram presas eram as mais variadas e incomuns: “metem-nos em torres altas, em subterrâneos cuidadosamente nivelados ao chão” (PROPP, 1997, p. 31), em castelos escondidos entre cercas de espinhos, no próprio quarto, fazendo-as sentirem-se sufocadas e entediadas.

A atitude do rei no conto de Colasanti é de proteger a filha dos perigos do mundo, como se anteviesse o destino fatal da filha ao sair do palácio. Contudo essa sua atitude não difere muito dos pais atuais, preocupados e com medo dos perigos de um mundo cheio de violência e vícios. Por isso optam por enclausurarem seus filhos, não permitindo que eles enfrentem o mundo, tentando protegê-los em uma redoma; mas, como no conto, é impossível afastá-los dos perigos vida, do encontro consigo mesmo e com o outro. O isolamento é temporário, há o momento de libertação, estando os filhos preparados ou não. E... no momento em que a princesinha do conto se liberta da redoma do quarto e da proteção do pai, ela encontra seu destino fatal.

A princesa, que vivia enclausurada no palácio, dentro do quarto, ao receber um espelho, fica deslumbrada ao descobrir na própria imagem a companhia ideal. A imagem refletida no espelho era exatamente o que ela desejava, só que esta felicidade dura pouco, recebendo uma bola de ouro, a menina joga-a para a amiga e o espelho acaba sendo estilhaçado e a princesa, por um minuto, sente-se novamente só. De repente a princesa, olhando a seu redor, vê nos cacos de espelho espalhados no chão, não uma, mas várias amigas refletidas nos vários pedaços de espelho e com elas brinca. Cansada das amigas, resolve multiplicá-las e vai partindo os cacos de espelho até se tornarem pó.

Os cacos do espelho se transformam em pó brilhante, desfazendo qualquer imagem. A princesa angustiada sai do castelo e se joga no lago ao encontro das amigas, ao encontro de si mesma. Segundo Propp (1997) as jovens reclusas que violavam a proibição e saíam de seus claustros caíam em grandes desgraças pessoais e, em alguns casos, desgraça para todo o reino. No caso da princesa do conto, a desgraça é pessoal, pois ela comete suicídio, destruindo a própria vida, apesar de a morte, no conto, possuir uma dimensão simbólica.

No conto a fantasia e a realidade se misturam, pois é através do faz-de-conta que a personagem encontra um sentido para viver e, quando volta à realidade, a angústia é tamanha que encontra na morte não o fim, mas o começo. Volta às origens, como se retornasse ao

útero materno. Retornar ao nada para empreender uma nova caminhada ao encontro do eu perdido. O estilhaçamento do eu faz com que a personagem busque a unidade. Por um momento perder para novamente se encontrar. De “braços abertos” abarcar o mundo, sentir de novo a vida pulsar.

Apesar de não possuir fadas, “A primeira só” é um conto de fadas. Marina Colasanti se apropria dos elementos básicos do conto tradicional e cria seus contos, centrados em uma temática existencial e com uma atmosfera ligada ao maravilhoso. Segundo Nelly Novaes Coelho (1987) o conto de fadas

com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida, etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial (COELHO, 1987, p. 13, grifos da autora).

“A primeira só” vem confirmar que “o ser em relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo é, essencialmente angústia” (FERNANDES, 1986, p. 30). O conto retrata a angústia da pequena princesa, angústia esta, marcada pela solidão: ela era a única filha, por isso sozinha. Sentia necessidade de ter alguém, não só para brincar, mas para “gostar”, por isso, “sozinha no palácio chorava e chorava. Não queria saber de brinquedos. Queria uma amiga para gostar” (COLASANTI, 1979, p. 47). Gostar de alguém é uma necessidade vital do ser humano, é o que dá sentido à vida, pois só nos sentimos presentes a partir do outro. Por meio do outro nos amamos. É o desejo de nos presentificarmos no outro, de estarmos acontecendo e sendo enquanto amamos. Na sua solidão a princesa se entristecia por estar isolada do mundo, longe de uma amiga e sem alguém com quem pudesse brincar, dividir e, até mesmo, exibir seus brinquedos.

A princesa que tudo possuía, que detinha o poder – filha de rei – sentia-se impotente diante de tamanha solidão. Seu poder era inútil, pois ele mesmo impunha-lhe a condição de ser só. Não podendo se misturar, tendo que ficar enclausurada em seu castelo se angustiava. Tudo era nada diante de tamanha tristeza: “era linda, era filha, era única. Filha de rei. Mas de que adiantava ser princesa se não tinha com quem brincar?” (COLASANTI, 1979, p. 47). Essa condição de ser única e de ser filha do rei faz com que ela não tenha com quem se identificar. A presença feminina inexistia no palácio real, não tinha uma mãe, não tinha uma irmã, só o pai – que, acima de tudo, era o rei. Como rei, procura um meio para solucionar os problemas da filha, dando-lhe um espelho de presente.

Simbolicamente o espelho não apenas reflete a imagem,

tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. A alma termina por participar da própria beleza à qual ela se abre (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988, p.396)

Desde o momento em que a princesa vê sua imagem refletida no espelho tudo se transforma, sonho e realidade se misturam. A fantasia cria, a partir da própria imagem, a companheira desejada. O mundo se torna colorido, a alegria acontece. A imagem refletida no espelho dá à princesa a noção do outro. É o jogo dialético entre o eu e o outro. Verso e reverso da mesma moeda interagindo para formar um todo, complexo e único. Tudo o que a

princesa queria era “uma amiga para gostar”, e de repente, seu sonho se realizara, ela vê diante de si a companheira desejada. Ali, bem na sua frente estava uma menina “linda e única”, exatamente igual a ela, um reflexo de si mesma, mas tão real que se tornava a outra, a amiga, a companheira. E as duas eram felizes juntas, pois eram iguais, eram únicas.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1988, p. 394) “o reflexo da luz ou da realidade certamente não transforma a natureza, mas comporta um certo aspecto de ilusão (...) Além disso, o espelho dá uma imagem ‘invertida’ da realidade” (grifo dos autores). A princesa prefere esse mundo de ilusão, pois nele ela se sente feliz. Ela percebe que a outra é canhota, mas não dá muita atenção ao fato, esconde de si mesma a verdade e constrói a sua realidade, fazendo da própria imagem a outra. Fantasia e realidade se misturam e, por um momento, a angústia transforma-se em prazer

Rápido chegaram perto e ficaram se encontrando. Uma sorriu e deu bom-dia.
A outra deu bom-dia sorrindo.
- engraçado, - pensou uma – a outra é canhota.
E riram as duas. (COLASANTI, 1979, p. 48)

A princesa já não está só, ela possui um tesouro, começa a amar a si mesma através da imagem refletida no espelho. A descoberta do seu eu faz com que se transforme e, como Narciso, encanta-se com a própria imagem, contudo, diferente de Narciso, ela não se apaixona por si mesma, mas pela fantasia de conviver com outra menina igual a ela. Narciso bastava a si mesmo, a princesa precisava da convivência com outras pessoas para sentir-se feliz, para gostar de si mesma. Por essa razão a princesa fica deslumbrada com a visão de si mesma ao imaginar que o que vê é a amiga tão sonhada. A necessidade de alguém com quem possa se identificar, que possa amar, faz com que a princesa aceite sua imagem como sendo outra e aceitando-a, aceita a si mesma e descobre encantada a felicidade de partilhar e relacionar: “Riram muito depois. Felizes juntas, felizes iguais. A brincadeira de uma era a graça da outra. O salto de uma era o pulo da outra. E quando uma estava cansada a outra dormia” (COLASANTI, 1979, p. 48)

O primeiro contato com o seu eu faz com que a princesa vislumbre o avesso das coisas, as duas metades que formam o todo, os dois lados da medalha. A amiga é a ideal, pois o seu duplo. Ela se completa de tal forma que a ação de uma é reforçada pela outra, ambas: brincam, acham graça, saltam, pulam, cansam e dormem. Iguais, mas diferentes, diferentes, mas iguais. O que somos senão frações de ‘eus’?! Cada um de nós manifesta um eu diferente a cada situação, a cada momento somos novos, mas sempre nós mesmos – diversidade mais igualdade – noção do múltiplo.

Depois de conhece uma de suas facetas, de esgotar todas as possibilidades de conhecimento, torna-se necessário descobrir-se por inteiro e, novamente o rei, com seu poder real, interfere na sua busca e mostra-lhe o caminho, enviando-lhe uma cesta de brinquedos: “O rei encantado com tanta alegria, mandou fazer brinquedos novos, que entregou à filha numa cesta. Bichos, bonecas, casinhas e uma bola de ouro” (COLASANTI, 1979, p. 48). No meio de tantos brinquedos uma bola. Não uma bola qualquer, mas de ouro – símbolo de realeza, marca de poder, visto que o cetro real possui uma bola de ouro encastada em uma de suas extremidades.

Tecendo analogia da bola com o círculo, podemos dizer que ela representa o mundo. E a bola realiza a sua função, inserindo-a no mundo, fazendo-a relacionar-se e, em consequência, jogar. O jogo faz parte da natureza humana e, a partir desse momento, o jogo torna-se mais excitante. A princesa joga bola com a amiga, pois o jogo é a linguagem do desejo. Para Lígia Cadermatori (1982, p. 26) “o jogo não é simplesmente satisfação de

desejos isolados. Encenando o que não pode ser realizado fora do mundo lúdico, a fantasia ganha uma instância afetiva. A criança joga sem pensar porque joga”.

A fantasia da princesa é tão real que ela joga com a parceira imaginária: “Rolaram com ela no tapete, lançaram na cama, atiraram para o alto. Mas quando a princesa resolveu jogá-la nas mãos da amiga a bola estilhaçou jogo e amizade” (COLASANTI, 1979, p. 48). Brincar de bola sem uma parceira não tem graça, daí a necessidade de um contato mais direto com a amiga, uma relação mais íntima. Uma única bola, um único jogo. A princesa joga a bola nas mãos da companheira, aí tudo se desfaz, o jogo traz de volta a realidade. Quebra-se o espelho, quebra-se o sonho e a fantasia, tudo se perde por um momento, mas é a perda de uma ao encontro de várias, várias amigas iguais a ela. “A tristeza pesou nos olhos da única filha do rei. Abaixou a cabeça para chorar. A lágrima inchou, já ia cair, quando a princesa viu o rosto que tanto amava. Não um só rosto de amiga, mas tantos rostos de tantas amigas” (COLASANTI, 1979, p. 48).

Segundo Cirlot (1984, p. 412) a simbologia do número um é o “princípio ativo que se fragmenta para originar a multiplicidade” e a única filha do rei se transforma em várias. A tristeza dura uma fração de segundos, a lágrima que ameaçava cair nem chegou a rolar. Maravilhada descobre não uma, mas várias amigas refletidas nos cacos de espelho. A experiência anterior se repete só que agora a princesa está rodeada de amigas. A sua imagem aparece espalhada pelo quarto, espalhada nos pedaços de espelho, e ela descobre o prazer da liberdade de escolha, pois “era diferente brincar com tantas amigas. Agora podia escolher. Um dia escolheu uma, e logo se cansou. No dia seguinte preferiu outra, e esqueceu dela em seguida. Depois outra e mais outra, até achar que todas eram poucas” (COLASANTI, 1979, p. 49).

Chevalier e Gheerbrant (1988) afirmam que o espelho quebrado é signo da separação, o fim da harmonia. A descoberta do múltiplo traz conseqüências inesperadas; com uma amiga a princesa se contentou, mas diante de várias ela queria mais e mais... e, começou a criar novas amigas, tinha nas mãos o poder da multiplicação, “pegou uma, jogou contra a parede e fez duas. Cansou das duas, pisou com o sapato e fez quatro, quebrou com o martelo e fez oito. Irritou-se com as oito, partiu com uma pedra e fez doze” (COLASANTI, 1979, p. 49).

Segundo certas crenças, cada número tende a engendrar um número superior, o um engendra o dois, o dois, o três etc., porque cada um deles é impelido a ultrapassar seus limites. Segundo outras crenças, isso se dá porque têm necessidade de um oposto ou de um parceiro. Atribuem-se aos números os impulsos dos vivos. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988, p.647)

As imagens vão se multiplicando à medida que os cacos do espelho vão sendo estilhaçados. A princesa é impelida a ultrapassar seus limites, por isso a multiplicação da sua imagem que vai se tornando cada vez menor. “Mas duas eram menores do que uma, quatro menores do que duas, oito menores do que quatro, doze menores do que oito. (COLASANTI, 1979, p. 49)

O espelho foi se fragmentando até tornar-se pó brilhante. Juntamente com o espelho o seu ‘eu’ acabou se esfacelando tanto ao ponto dela perder a própria identidade. O homem nasce do pó e volta ao pó. É o nada da vida se manifestando, “tão menores que não cabiam mais em si, pedaços de amigas com as quais não se podia brincar. Um olho, um sorriso, um lado de nariz. Depois, nem isso, pó brilhante de amigas espalhado pelo chão’ (COLASANTI, p. 49). A menina, desta vez, fica irremediavelmente só. Antes era a tristeza de ser só, agora o desespero da perda, do vazio.

Pó, ao mesmo tempo em que simboliza força criadora, sêmen, no dizer de Chevalier e Gheerbrant (1988), pode simbolizar morte. Dessa forma, “sozinha outra vez” (COLASANTI, p. 49) a princesa correu em direção à morte.

A angústia da princesa torna-se maior que antes, pois angústia da perda, a consciência do vazio. “a angústia é o conhecimento do não ser. Nela o ser se vê trajeto existencial: não-ser-ser-não-ser. A existência possível do ser se configura, deste modo, como o intervalo entre o nada e o nada” (FERNANDES, 1986, p. 30). “Sozinha outra vez a filha do rei. Chorava? Nem sei. Não queria saber das bonecas, não queira saber dos brinquedos” (COLASANTI, 1979, p. 49).

A dor tem a capacidade de trazer a princesa de volta à realidade. “o homem se descobre na angústia. Angústia resultante da situação dual que enfrenta o ser do homem em sua realização existencial” (FERNANDES, 1986, p. 38). Sem poder se realizar, sem sonho, sem fantasia, a princesa sai – pela primeira vez – de dentro do castelo a procura de algo que lhe dê sentido continuar vivendo. “Saiu do palácio e foi correr no jardim para cansar a tristeza. Correu, correu, e a tristeza continuava com ela. Correu pelo bosque, correu pelo prado. Parou à beira do lago” (COLASANTI, 1979, p. 50). No reflexo das águas a amiga espera por ela, mas uma não bastava, queria mais “aquela que tinha e as novas que encontraria” (COLASANTI, 1979, p. 50). Apesar de todas as tentativas, a imagem refletida na água do lago continuava sendo única.

Chevalier e Gheerbrant (1988, p. 830), falando do mito de Narciso, afirmam que “a água serve de espelho, mas um espelho aberto sobre as profundezas do eu: o reflexo do eu que aí se mira, trai uma tendência à ‘idealização’” (grifo dos autores). Como Narciso a princesa mergulha nas águas do lago. Depois de ter experimentado o prazer do encontro com as “amigas imaginárias”, nada mais lhe servia. O retorno à solidão era algo impensado, inaceitável. Queria mais, queria tudo, por isso mergulha em busca do desejo, da (im)possibilidade: “Então a linda filha do rei atirou-se na água de braços abertos, estilhaçando o espelho em tantos cacos, tantas amigas que foram afundando com ela, sumindo nas pequenas ondas, com que o lago arrumava sua superfície” (COLASANTI, 1979, p. 50).

Através do mergulho na água do lago a personagem tenta resgatar a individualidade, transformando seus vários “eus” em um ‘eu’ único e coeso. Ela volta às origens, mergulha para dentro de si mesma, em busca de um novo sentido para a sua existência. Mergulha para o encontro do outro, mergulha para a vida, para a liberdade. Enclausuramento e a solidão são para sempre rechaçados.

Em “A primeira só” Marina Colasanti deixa as marcas do homem moderno, perdido em meio à multidão, esfacelado, buscando encontrar-se, procurando uma razão lógica para continuar vivendo nesta selva, onde o mais forte absorve o mais fraco. Todo poder, todo progresso científico não fez do homem um ser feliz, ele se fechou cada vez mais dentro de si mesmo e acabou por perder-se. Não encontrou a fórmula mágica da felicidade.

REFEÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

COLASANTI, Marina. **Uma idéia toda azul**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

FERNANDES, José. **O existencialismo na ficção brasileira**. Goiânia: Ed. UFG, 1986.

PROPP, Vladímir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Marina Colasanti. A viagem para dentro. In: _____. **Literatura infanto-juvenil**: Seis autores, seis estudos. Goiânia: Ed. UFG, 1994, p. 155-174

ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Lígia Cadermatori. **Literatura infantil: Autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.